



Entrevista com Marília Salgado sobre a trajetória artística de Lia Salgado

Patrícia Valadão Almeida de Oliveira 
Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG)
valadao.patricia@gmail.com

Marília Salgado
liasal948@gmail.com

ENTREVISTA
Editor-Chefe: Mauro Chantal
Layout: Mauro Chantal e Edinaldo Medina
License: ["CC by 4.0"](#)

Enviado: 05.12.2024
Aceito: 08.12.2024
Publicado: 30.12.2024
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14790926>

RESUMO: Entrevista realizada pela Dra. Patrícia Valadão (UFMG) com Marília Salgado, filha de Lia Salgado (1914-1980), sobre a trajetória artística da mãe, soprano solista de destaque na cena lírica nacional, cuja atuação nos palcos abrangeu as décadas de 1940 a 1980. Atenta à preservação de dados históricos sobre a artista, em ações como o lançamento de um CD e a implementação do acervo contendo registros diversos de Lia Salgado, Marília Salgado registrou nesta entrevista informações que permitem ao leitor compreender o contexto histórico do período no qual Lia Salgado interpretou papéis principais de óperas de repertório. Seu relato chancela a relevância da artista no desenvolvimento e divulgação da música brasileira no Brasil e no exterior, ao atuar em estreias mundiais, seja no gênero ópera ou música de câmara, com destaque especial para a parceria junto ao compositor Camargo Guarnieri (1907-1993).

PALAVRAS-CHAVE: Lia Salgado. Clóvis Salgado. Canção brasileira de câmara. Camargo Guarnieri. Ópera brasileira.

Interview with Marília de Albuquerque Salgado about Lia Salgado's artistic career

ABSTRACT: Interview conducted by Dr. Patrícia Valadão (UFMG) with Marília Salgado, daughter of Lia Salgado (1914-1980), about the artistic career of her mother, a prominent soprano soloist on the national lyrical scene, whose performance on stage spanned the decades of 1940 to 1980. Attentive to the preservation of historical data about the artist, in actions such as the launch of a CD and the implementation of a collection containing various records of Lia Salgado, Marília Salgado recorded information in this interview that allows the reader to understand the historical context of the period in which Lia Salgado performed leading roles in repertoire operas. Her account confirms the artist's relevance in the development and promotion of Brazilian music in Brazil and abroad, by performing in world premieres, whether in the opera or chamber music, with special emphasis on her partnership with the composer Camargo Guarnieri (1907-1993).

KEYWORDS: Lia Salgado. Clóvis Salgado. Brazilian Art Song. Camargo Guarnieri. Brazilian Opera.



Patrícia Valadão: Com muito prazer, recebemos Marília Salgado, filha de Lia Salgado, intérprete que tanto colaborou para a difusão da canção brasileira de câmara no período em que atuou como solista. Artista que soube caminhar pelos gêneros da ópera e da canção de câmara, cujos predicados vocais estão registrados em discos que preservaram a beleza de seu timbre de soprano lírico e que servem de base histórica para o entendimento da *performance* camerística no Brasil das décadas de 1950 a 1960. Sabemos que o Brasil é um país de memória curta, quando se trata de cultura. Neste sentido, quem foi Lia Salgado?

Marília Salgado: Filha do advogado pernambucano Eugênio d'Albuquerque e da funcionária dos Correios e Telégrafos carioca Helena Portocarrero, Lia nasceu em berço musical. Seu pai era pianista e seus tios maternos tocavam vários instrumentos na alegre convivência da grande casa da avó, em São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro. Os saraus eram semanais e os Portocarreros recebiam visitas aos domingos para tardes de música, canto e dança. Lia, desde o curso primário, já se apresentava como cantora solista nas festas do colégio. Estudou violão e piano. Formou-se na Escola Normal do Rio de Janeiro e casou-se com o médico e professor Clóvis Salgado, mineiro de Leopoldina, radicado no Rio desde os 12 anos, quando foi cursar o Colégio Militar e depois a Faculdade de Medicina. Veio com o marido para Belo Horizonte, após este obter o primeiro lugar em concurso na Universidade de Minas Gerais para catedrático na Faculdade de Medicina. Por iniciativa de Clóvis Salgado, ciente dos dotes da mulher, começou a estudar canto no Conservatório de Música, com a professora Nahyr Jeolás, onde veio a se formar. Paralelamente, dedicou-se ao estudo das línguas francesa e italiana. Iniciou sua carreira em Belo Horizonte, passando logo ao Rio de Janeiro, em concertos e recitais. A primeira ópera da qual participou foi em Belo Horizonte, em 1947, por ocasião da comemoração do cinquentenário da cidade, no papel principal da *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni. Em 1948, prestou concurso para integrar o elenco oficial do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e cantou pela primeira vez naquele teatro, como solista, em abril de 1949, no papel de Mimi, na ópera *La Bohème*, de Puccini. A partir daí, cantou em quase todas as temporadas anuais até 1971, vivendo 21 papéis em óperas. Paralelamente, em Belo Horizonte, ela e o marido, junto a outros amigos, todos entusiastas da música, fundaram a Cultura Artística de Minas Gerais, a Sociedade Coral de Belo Horizonte, a Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos e a Universidade Mineira de Arte. Esse grupo de

pessoas foi o responsável pela vida musical em Belo Horizonte por mais de duas décadas, organizando e produzindo espetáculos de ópera e concertos nacionais e internacionais, trazendo à capital mineira os maiores músicos mundiais da época, como se pode verificar na coleção dos programas de concertos e óperas arquivados no Museu Histórico Abílio Barreto. A partir da década de 1950, Lia Salgado intensificou seus estudos em música brasileira, especificamente, na canção brasileira, tendo sido, na época, a cantora que mais divulgou este gênero no exterior. Dotada de talento especial para a música brasileira, que exige excelente dicção, graciosidade e, em muitos casos, brejeirice, Lia estudou tal repertório com os grandes compositores contemporâneos, sobretudo, da vertente modernista: Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, Alceu Bocchino, Cláudio Santoro, Marlos Nobre. Além disso, foi intérprete de óperas brasileiras em suas *premières* mundiais: *O Sertão*, de Fernand Jouteux, *A Comadecida*, de José Siqueira, *Um Homem Só*, de Camargo Guarnieri, *Tiradentes*, de Eleazar de Carvalho.

Patrícia Valadão: Sendo a filha mais nova do casal Clóvis Salgado e a que desfrutou mais proximamente da rotina dos pais na fase áurea da carreira artística de sua mãe, nos conte acerca do ambiente musical de sua casa.

Marília Salgado: Nas décadas de 1940 a 1960, Belo Horizonte reuniu várias pessoas cultas que ou eram músicos ou amantes da música. Todas essas pessoas frequentavam a nossa casa da rua Marquês de Maricá, 105: maestro Sergio Magnani, Alfred von Smigay, Dr Carlos Vaz de Carvalho, Prof. Fernando Coelho, Dr Heli Menegale, Dr Onofre Mendes Jr, Barão Von Tiesenhausen, Pery Rocha França. Nossa casa era aberta a compositores, instrumentistas, maestros, cantores. Nela transitavam políticos, médicos, artistas de todas as áreas e o ambiente era realmente propício às ideias e realizações culturais. Naquela época, os artistas brasileiros não conseguiam viver apenas da sua arte. Geralmente, exerciam outras profissões e a arte era uma paixão. Todos trabalhavam pela arte, sem preocupação com ganhos financeiros, muito pelo contrário, a maioria usava seus próprios recursos para custear despesas com viagens, figurino, aulas especializadas. Nossa casa hospedava artistas estrangeiros e de outros estados. Como a minha mãe integrava o elenco do Theatro Municipal do Rio, conseguia cenário e figurino emprestados e conseguiu até trazer a Belo Horizonte o famoso tenor italiano Ferruccio

Tagliavini, para viver o papel de Rodolfo, contracenando com ela na ópera *La Bohème*. Os grupos vocais também frequentavam nossa casa com assiduidade. Lembro-me da surpresa de uma serenata do excelente Madrigal Renascentista, sob regência do maestro Isaac Karabtchevsky, que nos encantou.

Patrícia Valadão: Sobre a formação musical de Lia Salgado, ela teve início no Rio de Janeiro, sua cidade natal, com posterior desenvolvimento em Belo Horizonte? Na Dissertação de Mestrado, *LIA SALGADO (1914-1980): trajetória artística e contribuição para a canção brasileira de câmara*, Raquel Giesbrecht Calais cita 10 anos de estudos musicais antes de Lia Salgado subir ao palco. Fale-nos acerca desse percurso.

Marília Salgado: Ela estudou piano e violão no Rio. Cantava por prazer e talvez tivesse alguma orientação de impostação de voz dos tios. Uma tia era professora de canto e os tios tinham voz educada. (Descobri, recentemente, num programa de *La Traviata*, levada aqui em Belo Horizonte, a participação do seu tio, general José Portocarrero, que morou lá em casa por um ano, no período em que foi o comandante do CPOR.) Como mencionei anteriormente, o estudo de canto começou em Belo Horizonte, com a dona Nahyr Jeolás, professora do Conservatório Mineiro de Música. Depois de alguns anos, passou a estudar com o grande professor Murilo de Carvalho, que havia voltado de Paris em virtude da II Grande Guerra e havia se radicado no Rio, sua cidade natal. Mamãe ia ao Rio de 15 em 15 dias para ter aulas. Ia de trem, no Vera Cruz. Naturalmente, como sua família toda morava no Rio, tais viagens não eram um sacrifício. Por outro lado, papai era seu apoiador permanente e seu incentivo era decisivo naquele período de vida em que tinha que cuidar da casa e de dois filhos pequenos. Bem mais tarde, passou a aperfeiçoar-se com a professora alemã Marion Matheus.

Patrícia Valadão: Em sua memória, como era a rotina de estudos de Lia Salgado?

Marília Salgado: Bem, nisso ela era muito rígida. Todas as manhãs, dirigia-se ao piano, fazia vocalises e variados exercícios de voz, por 2 horas. Quando em viagem, sempre dava um jeito de estudar diariamente. Além disso, no período de preparação de alguma ópera ou concerto, estudava à tarde, geralmente com a D. Isabel Vieira, sua amiga e acompanhadora de piano por toda a vida. A preparação de uma ópera envolvia meses de

estudo da personagem, do figurino, do ambiente da época. Assim, procurava encarnar a figura da personagem completamente. Se havia alguma dança, como por exemplo, um minueto, tinha aulas de dança, se havia uma briga, aprendia como cair ao chão. Lia Salgado cantou várias vezes o *Fausto*, de Gounod, e chegou a aprender a fiar na roca para interpretar a Margarida. Como também já disse, aperfeiçoou-se no francês e no italiano, línguas mais usuais no repertório operístico que ela cantava. Aprendeu artes cênicas e dicção. Enfim, cercou-se do conhecimento necessário para atuar como cantora tanto em óperas quanto em concertos e recitais. Ao especializar-se na canção brasileira, estudou a maioria das peças com seus respectivos compositores.

Patrícia Valadão: A estreia de Lia Salgado em ópera coincidiu com as comemorações do aniversário de 50 anos de Belo Horizonte. A ópera *Cavalleria Rusticana*, de Pietro Mascagni, marcou história e contribuiu para o desenvolvimento do gênero na capital mineira. No curso da atuação de Lia Salgado como solista em óperas, há a estreia de *O Sertão*, de Fernand Jouteux (1866-1956), francês radicado no Brasil, um dos alunos de Jules Massenet (1842-1912). Não obstante, Lia Salgado estreou também na primeira gravação de uma obra do Colonial Mineiro, a *Grande Missa em Mi Bemol*, de Emerico Lobo de Mesquita (1746-1805). Minha pergunta é: diante desses dois marcos da história da música em Minas Gerais e também no Brasil e, posteriormente, como divulgadora da canção de câmara nacional, ela sempre teve essa consciência musicológica, ou essa característica foi desenvolvida aos poucos?

Marília Salgado: Não posso responder isso com certeza, mas imagino que tenha sido desenvolvida aos poucos. Pelos programas dos recitais, nota-se que ela sempre incluía peças brasileiras. Nascida no Rio de Janeiro, desde cedo cantava música popular e folclórica, além das modinhas coloniais. Os Portocarreros eram carnavalescos de coração e saíam em bloco próprio, tocando e cantando, muitas vezes, marchinhas compostas por eles. Ao cantar música popular, Lia Salgado usava o violão como acompanhamento. Penso que a convivência com grandes músicos tenha levado o casal Lia e Clóvis Salgado a valorizar ainda mais a música brasileira. Camargo Guarnieri foi auxiliar do meu pai no ministério da Educação e Cultura, Villa-Lobos frequentava nossa casa com regularidade, assim como a maioria dos compositores brasileiros. Imagino que essa presença constante de compositores à sua volta tenha despertado em minha mãe

um desejo de divulgar a música brasileira. Ela não só gravou a *Missa em Mi Bemol*, de Lobo de Mesquita, como fez a *première* mundial das óperas *O Homem Só*, de Camargo Guarnieri, *A Comadecida*, de José Siqueira, *O Sertão*, de Fernand Jouteux, *Tiradentes*, de Eleazar de Carvalho. Divulgou a música brasileira no exterior amplamente e em *tournée* por 13 cidades dos Estados Unidos, com programas exclusivos de música brasileira.

Patrícia Valadão: Completando a pergunta anterior, sabemos do incentivo de Clóvis Salgado, seu pai, em relação ao trabalho do musicólogo Curt Lange (1903-1997), tanto no governo de Minas como na área federal, no ministério da Educação e Cultura. Gostaria que você comentasse sobre essa página que promoveu de maneira tão sólida o valor de obras sacras mineiras.

Marília Salgado: O Curt Lange conheceu Ouro Preto na década de 1940. Vendo de perto a arquitetura, as esculturas e as pinturas, pressupôs que deveria haver também obras musicais do mesmo nível artístico. Musicólogo experiente, tomou a si a tarefa de procurar e pesquisar. Conseguiu, entre antigas associações de bandas de música, algumas partituras antigas. Sem receber apoio do governo da época, comprou-as e levou-as com ele para o Uruguai, para estudo detalhado. Em 1955, quando meu pai estava no governo de Minas, o Curt Lange procurou-o, defendendo suas ideias e solicitando auxílio financeiro para pesquisa em Ouro Preto. Entusiasmado com a perspectiva de um manancial de músicas sacras de compositores mineiros serem trazidas a público, meu pai concedeu-lhe bolsa por curto período, uns 3 meses, que revelou o que o musicólogo já previa: havia um sem-número de partituras de músicos locais com obras de valor inquestionável. Foram achadas partituras em rebocos de paredes e em locais completamente inesperados. Com a comprovação da teoria do Curt Lange, meu pai, já ministro da Educação e Cultura, conseguiu bolsa de estudos junto à Unesco para um período de 2 anos de pesquisa, em 1958. O resultado da pesquisa revelou a existência de mais de mil compositores mineiros, tesouro descoberto por um alemão naturalizado uruguai. Isso gerou muita inveja e despeito. Ao invés de entusiasmo por parte de musicistas e jornalistas, Curt Lange foi atingido por incredulidade, ataques à sua seriedade profissional e verdadeiro movimento de negação ao seu trabalho. Meu pai sempre acreditou no diligente trabalho do Curt Lange, defendeu-o dos ataques maldosos e deu-lhe a oportunidade de apresentar ao público

algumas obras já restauradas que resultou na gravação comercial em LP da *Missa em Mi bemol* de Lobo de Mesquita. Ao lado do marido, minha mãe era entusiasta do trabalho de Curt Lange e foi intérprete das obras dos compositores mineiros coloniais em suas primeiras apresentações no século XX. E não só dos compositores coloniais mineiros. Ela também apresentou ao Brasil a *Missa* de Domenico Zipoli, seminarista jesuítico italiano, compositor e organista que viera trabalhar na América do Sul nas missões, entre os séculos XVII e XVIII, obra também descoberta por Curt Lange. Mesmo depois da morte do meu pai, continuei a amizade com o Curt Lange e sempre ouvi dele que nunca teria conseguido levar a cabo a pesquisa sem o apoio de Clóvis Salgado. Já no fim da sua vida, tive a alegria de, como diretora do BDMG Cultural, adquirir, em parceria com a Fundação Vitae, e a ajuda da grande musicista Sandra Loureiro, sua coleção de 100 mil cartas e alguns objetos. Tal coleção foi doada à biblioteca da UFMG. Para quem tiver interesse em se aprofundar no Caso Curt Lange, recomendo a leitura da tese de doutorado do Dr Cláudio Remião, defendida na PUC do Rio Grande do Sul, em 2018.

Patrícia Valadão: Elegante, bela, dotada de linda voz, com carreira brilhante e tendo ao seu lado o marido, político atuante e defensor das artes... ela sofreu retaliações em sua atividade musical por parte de partidos ou políticos adversários?

Marília Salgado: Infelizmente, a resposta é sim. Esta foi a parte negativa da carreira da minha mãe, que muito a fez sofrer. Ela teve sorte na vida, não há dúvida. Deus a dotou de voz bonita, de tenacidade para estudar e vencer na profissão, casou-se com um homem que, além de valorizar a cultura, tinha uma mentalidade avançada para a época, incentivando a sua carreira artística. Com a entrada do marido para a política, os adversários a atacavam. O pior de todos foi o Carlos Lacerda, com a Tribuna da Imprensa, ferrenho opositor de Juscelino Kubitschek. Diziam que o sucesso obtido por Lia Salgado se devia unicamente ao marido político. Na verdade, quando Clóvis Salgado tomou posse no MEC, em 1956, minha mãe já fazia parte do elenco oficial do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, por concurso, desde 1949. Já estava com a carreira consolidada, tendo se apresentado em vários teatros brasileiros, nos quais foi aplaudida em óperas e concertos. Os opositores políticos veiculavam mentiras sobre ela nos mesmos jornais em que os maiores críticos brasileiros a elogiavam amplamente. Tudo

isso que estou dizendo pode ser facilmente comprovado no acervo Lia Salgado do Museu Histórico Abílio Barreto.

Patrícia Valadão: Em relação ao gênero canção de câmara, além de recitais e estreias no Brasil, Lia Salgado atuou também no exterior. Conte-nos mais sobre esses dados, por favor.

Marília Salgado: Como intérprete oficial de Camargo Guarnieri e tendo estudado com grande parte dos compositores modernistas, minha mãe julgava-se legítima defensora da Canção Brasileira e foi convidada por diferentes entidades internacionais para apresentar-se fora do Brasil. Cantou na Espanha, na Itália e na Argentina. Na França, além de atuar como recitalista, gravou um disco pela Decca, tendo Camargo Guarnieri ao piano. Na Inglaterra, apresentou-se no Wigmore Hall e gravou programa de música brasileira na BBC. Fez duas turnês pelos Estados Unidos, a convite da OEA, tendo cantado no Carnegie Recital Hall, em Nova Iorque e no Hall of the Americas, em Washington. A primeira turnê foi ampla, incluindo 13 cidades, de norte a sul e também em estados da região do Pacífico. A segunda foi menor, cobrindo Washington, Nova Iorque e algumas cidades da Nova Inglaterra. Foi também convidada para os 100 anos de Puccini, em Lucca, pela sua interpretação de Mimi, na ópera *La Bohème*. Acompanhei de perto sua trajetória no exterior e posso dizer que alcançou verdadeiro sucesso, com salas cheias e pedidos de vários números extras.

Patrícia Valadão: Notória é a relação profissional de Lia Salgado com o compositor Camargo Guarnieri (1907-1993), sendo ela considerada intérprete oficial de suas obras. Quais suas memórias em relação ao trabalho desenvolvido pelos dois?

Marília Salgado: Cresci vendo o maestro frequentar nossa casa. Ele conheceu a minha mãe no primeiro festival de arte de Ouro Preto, que foi concebido por meu pai, logo que assumiu o governo de Minas. O Guarnieri foi convidado para rege um concerto. Ao chegar para o ensaio, o maestro perguntou quem seria a solista e disseram a ele que seria a mulher do governador. Muito crítico, Guarnieri não ficou nada animado com tal perspectiva. Quando minha mãe chegou e o ensaio teve início, ele teve grande surpresa e, a partir daí, teve início uma parceria entre o casal Clovis Salgado e o grande

compositor. Como caçula, sempre acompanhava minha mãe em ensaios e viagens. O estúdio do Guarnieri em São Paulo, na rua Pamplona, tornou-se local corriqueiro para mim. Eles ensaiavam, tanto em São Paulo como em nossa casa, incansavelmente, até chegarem ao ponto exigido pelo maestro. Gravaram discos e apresentavam-se frequentemente em concertos e recitais. O último concerto dela, em 1980, foi no Grande Teatro da Fundação Clóvis Salgado, sob regência do Guarnieri, com obras de sua autoria para canto e violino, com a participação da Tania Guarnieri como solista.

Patrícia Valadão: Em complemento à pergunta anterior, gostaria que a senhora comentasse sobre a gravação de ambos, em Paris, pela DECCA, o EP *Chants Brésiliens*.

Marília Salgado: Não estive presente nessa gravação e não tenho informação sobre a produção desse disco. É um disco comercial, de excelente qualidade e está à disposição em plataformas digitais na Europa. Há um exemplar do disco no Acervo Lia Salgado. Aqui no Brasil, pode-se ouvi-lo no YouTube.

Patrícia Valadão: Como era a relação dela com outros compositores brasileiros?

Marília Salgado: Ela conheceu Villa-Lobos ainda bem nova, em 1947. Foi um recital dos artistas mineiros em homenagem ao compositor. Na ocasião, ele presentou minha mãe com uma partitura com a seguinte dedicatória: “À graciosa e doce voz de Lia Salgado, sem nenhum paroxo, agradece Villa-Lobos.” (A dedicatória mostra o lado jocoso do Villa-Lobos, brincando com o sobrenome Salgado.) Bem mais tarde, eles se tornaram grandes amigos, os dois casais, Villa-Lobos e Arminda, Clóvis e Lia Salgado. Lembro-me de vários compositores que frequentavam com regularidade nossa casa e dos estudos da minha mãe com eles ao piano: Francisco Mignone, José Siqueira, Alceu Bocchino. Outros ensaiavam com ela em estúdios ou em salas de concerto, tais como Marlos Nobre, Cláudio Santoro. O estudo aplicado com os compositores foi o caminho que escolheu no intuito de divulgar ao máximo a canção brasileira. Tanto sua voz, seu estilo e seu cuidado com a dicção fizeram dela cantora predileta dos compositores na sua época.

Patrícia Valadão: O equilíbrio vocal apresentado por Lia Salgado, ao transitar pela ópera e pela canção de câmara, é inegável. O Maestro Sergio Magnani (1914-2001) em

seu livro *Expressão de Comunicação na Linguagem da Música* (1989) cita a classificação de soprano lírico, a classificação que Lia Salgado possuía, como “a voz típica do soprano, sonora e aveludada, igual nos vários registros, com natural aptidão para o legato expressivo”. Nas gravações disponíveis de Lia Salgado notamos essas características. Das produções de óperas nas quais ela atuou como solista ao longo da carreira, qual sua lembrança de sua *performance vocal*? Para a atuação no palco, como foi sua preparação cênica?

Marília Salgado: Minha mãe me ensinou a ser bastante crítica em relação à música. Ela não queria só elogios da minha parte, esperava que eu dissesse sempre a verdade. Como eu estava sempre nos ensaios, fui apurando meu ouvido ao longo do tempo e também sabia o que os regentes esperavam dos cantores em suas árias. Na minha opinião, suas melhores performances foram no *Fausto*, de Gounod, na *Bohème*, de Puccini, na *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni e no *Don Pasquale*, de Pergolesi. Ela sempre foi zelosa com a voz e escolhia os papéis que melhor se adaptavam ao seu registro. Outro ponto importante a ser lembrado é a sua atuação cênica, que era muito boa. Acho que isso foi também decisivo no sucesso que obteve como cantora lírica. Ela trabalhou muitos anos com um diretor de cena que vinha da Ópera de Paris, chamado Max de Rieux. E o contato com o teatro vinha desde cedo, com a família Portocarrero. A Tônia Carrero, grande atriz brasileira, era prima dela, os pais eram irmãos.

Patrícia Valadão: Contabilizei a participação de Lia Salgado em 21 títulos de óperas, 21 personagens, fora três personagens femininos em *Um Homem Só* de Camargo Guarnieri. Sua participação no melodrama abrange os anos de 1947 a 1972, em obras de diversos séculos. Quais títulos, ou melhor, quais personagens ela mais apreciava em óperas?

Marília Salgado: Ela dizia que o papel que mais gostou de fazer foi da *Manon*, de Massenet. As óperas que mais cantou ao longo da vida foram: *La Bohème*, de Puccini e *Fausto*, de Gounod. Ela gostava muito da França, falava bem o francês e apreciava a literatura francesa. Acho que ela gostava mais de cantar em francês do que em italiano. Portanto, penso que havia uma certa predileção pelas óperas francesas.

Patrícia Valadão: Tendo atuação importante no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, na época em que a cidade ainda era o Distrito Federal, quais os grandes nomes que dividiram o palco com Lia Salgado?

Marília Salgado: Os tenores Mario Del Monaco e Ferruccio Tagliavini, a meio-soprano Giulietta Simionato, os baixos Boris Christoff, Nicola Rossi-Lemeni e Italo Tajo, os barítonos Giacomo Guelfi e György Melis.

Patrícia Valadão: Tendo Lia Salgado interpretado o último papel operístico em 1972, ela deu continuidade à sua atuação como recitalista?

Marília Salgado: Sim, continuou apresentando-se em recitais de câmara e, como já citei, a última apresentação foi em concerto com a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, sob a regência do Guarnieri, pouco antes de morrer. Já no fim da vida, foi chamada a dar aulas na Fundação Clóvis Salgado e esta nova atividade lhe trouxe muita satisfação.

Patrícia Valadão: Conte-nos sobre seu acervo pessoal e onde se encontra? Quais tipos de arquivos o acervo comporta?

Marília Salgado: O Acervo Lia Salgado está no Museu Histórico Abílio Barreto, em Belo Horizonte. Encontra-se todo organizado, à disposição de pesquisadores. O acervo possui mais de 700 itens, entre programas de óperas e de concertos, ampla coleção de críticas em jornais e revistas, fotografias, partituras com dedicatória dos compositores, todos os seus discos. No Museu da Moda, também em Belo Horizonte, há alguns vestidos dela e ainda dois de sua avó, Leopoldina Tavares Portocarrero, um deles datado de 1879. Os pesquisadores que tiverem interesse em adquirir o catálogo das coleções Lia e Clóvis Salgado, podem solicitar ao Museu Histórico Abílio Barreto a doação de CD do conteúdo dos acervos.

Patrícia Valadão: Lia Salgado dá nome ao Conservatório Estadual de Música de Leopoldina – MG, a uma escola estadual em Araxá - MG, a uma escola municipal em Barbacena - MG, a um pavilhão no Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro. Posteriormente ao seu falecimento, foi instalado um busto de bronze de exposição

permanente no Palácio das Artes – Fundação Clóvis Salgado, uma praça no bairro Serra recebeu seu nome e ela foi escolhida como patrona de uma cadeira na Academia Feminina Mineira de Letras – Afemil, todos em Belo Horizonte. Em 2009, foi lançado o CD *Lia Salgado e a Canção Brasileira*, que reúne dois de seus LPs. O professor Mauro Chantal (UFMG) vislumbra um concurso de canções brasileiras que homenageasse Lia Salgado e Maria Lúcia Godoy, solistas que considera como estandartes da canção de câmara. Como a senhora vê a possibilidade da criação de um concurso de canto assim?

Marília Salgado: Louvo e apoio a ideia do Prof. Mauro Chantal, que se preocupa com a memória da música e dos músicos brasileiros e que vem incentivando os jovens cantores mineiros a se projetarem como profissionais.

Patrícia Valadão: Conte-nos sobre os últimos anos de atividade de Lia Salgado.

Marília Salgado: Lia Salgado morreu em 14 de novembro de 1980, aos 66 anos e se apresentou em concerto, em 12 de junho do mesmo ano, com a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, sob a regência de Camargo Guarnieri. Encerrou a carreira lírica em 1972, cantando *Lo Schiavo*, de Carlos Gomes, no Grande Teatro do Palácio das Artes. Continuou, porém, a se apresentar em salas de concerto, como a Sala Cecília Meirelles, no Rio. Estava também preparando a gravação de um disco com modinhas coloniais quando morreu.

Patrícia Valadão: Quais projetos a senhora gostaria de ver realizados sobre a produção artística de Lia Salgado envolvendo sua contribuição para o desenvolvimento da música brasileira?

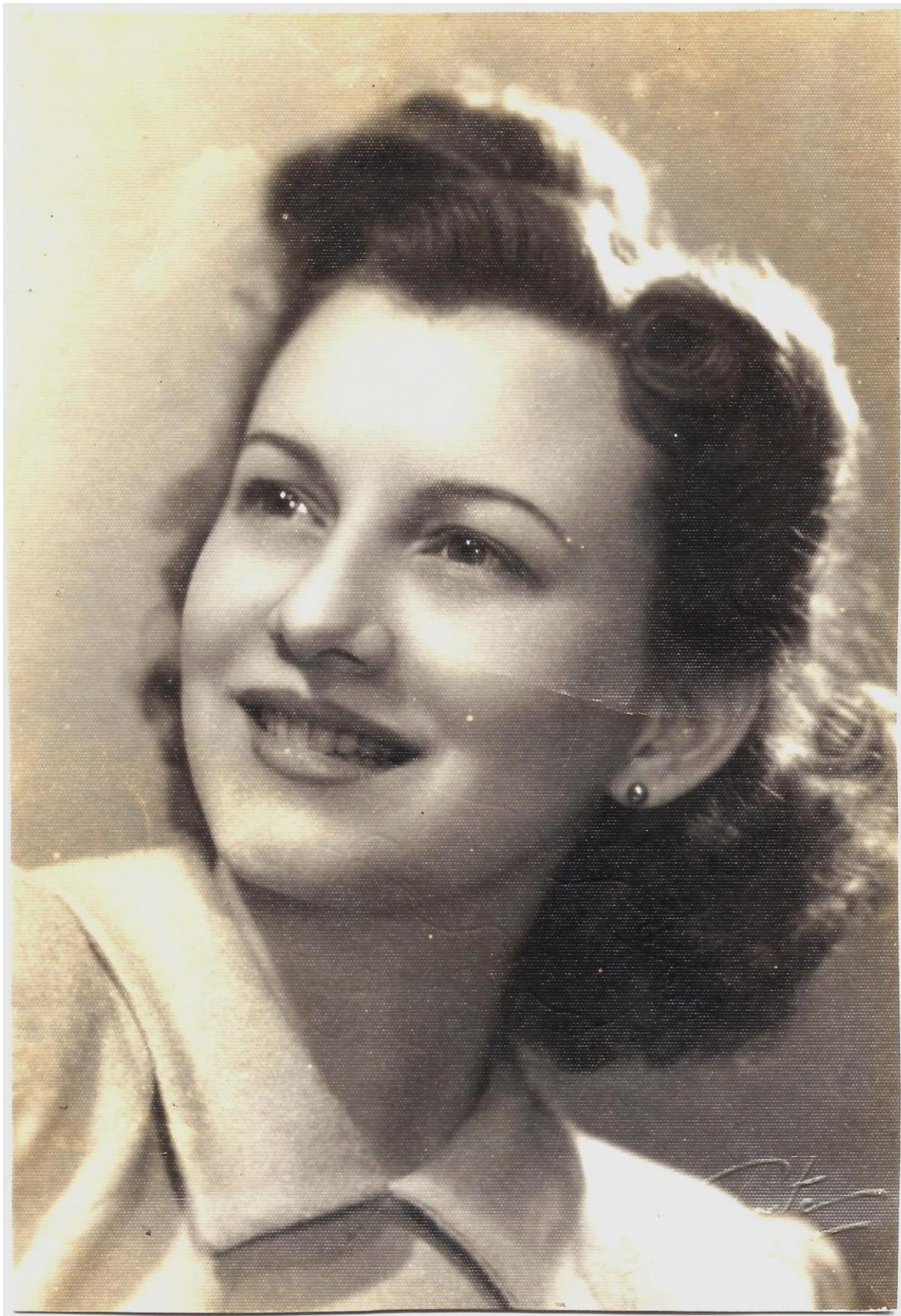
Marília Salgado: Como ela foi especialista na canção brasileira, eu gostaria muito de poder divulgar ao máximo seu trabalho para as novas gerações de cantores em todo o Brasil, uma vez que ela teve o privilégio de interpretar as canções segundo as orientações diretas de seus compositores. Assim, suas gravações são um documento importante para vislumbrarmos os ideais vocais e interpretativos da música brasileira naquela época. Além disso, suas interpretações da canção brasileira desmentem um mito bastante difundido de que a língua portuguesa não se presta à voz empastada ou que se



torna necessariamente ininteligível no canto lírico. Lia Salgado revela aos jovens cantores a importância de se cuidar da dicção e de se articular a palavra à música, para conceder à canção sua legítima expressividade.

Patrícia Valadão: Ao lhe agradecer pelo tempo cedido para a Revista de Música Vocal Erudita Brasileira, gostaríamos de saber sobre suas considerações finais sobre a atuação de Lia Salgado, seu legado e possíveis projetos que envolvam sua arte.

Marília Salgado: Tendo acompanhado a sua trajetória profissional e tendo trabalhado muitos anos com diversos músicos e artistas, posso afirmar que minha mãe sempre primou pela qualidade em suas apresentações. Era profissional séria e dedicada, estudava com afinco cada peça escolhida, cada papel operístico em todos os seus aspectos. Espero que seja lembrada e que sirva de exemplo, por sua arte, dedicação e persistência, para os novos talentos que terão que enfrentar inúmeros desafios para se tornarem artistas conhecidos.



Lia Salgado em registro do final da década de 1940.